

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 9 DE JULHO DE 1887

VOL. III-N. 132

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
A Semana.....	V. MAGALHÃES.
Plágios e plagiários.....	Plágio III ferario.....
Região.....	J. LOPES.
Max Nordau.....	R. P.
Poesia e poetas.....	R. OCTAVIO
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
Agua, poesia.....	J. M. SILVA.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	LORGNON.
Festas, bailes e concertos	MAX FLEUS.
Colaboração: Flor, sobelo.	
Factos e Noticias.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e a'e que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Loho.

A SEMANA

A abundancia de originaes, em que muito avultaram os sobre os theatros, obrigou-nos a adiar para o proximo numero os seguintes artigos: *Historia dos sete dias*; *Versos e Versões*, por Lucio de Mendonça; *Chronica Scientifica*, do Dr. Dodstol; *Bellas Artes*, por Alfredo Palheta e outros; e tambem a não concluir ainda hoje o estudo *Plágios e Plagiários*, deixando parte do ultimo artigo para outro numero.

A REDACÇÃO.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

IV (*)

A recentissima publicação do livro *Versos e Versões* facilita-me a demonstração de que Raymundo Corrêa é «um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e caracteristicas; cousa que, aliás, eu puderia conseguir só com o esplendido livro das *Symphonias*.

As qualidades d'este enconttram-se mais desenvolvidas e firmes nos *Versos e Versões*.

Escrevendo d'aquelle livro, ha quatro para cinco annos, dizia eu que Raymundo Corrêa não é discipulo de nenhum mestre, não se filiou a nenhuma escola: não é impassível, satânico, parnazião, realista ou scientifico; mas sim, unicamente, Raymundo Corrêa.

Ahi confessei que em algumas composições encontram-se vestigios da leitura d'este ou d'aquelle mestre, afirmando, porém, que a *maneira*, a forma das suas composições é somente sua (**)

Como caracteristica do poeta das *Symphonias* apontei — a sua observação verdadeira e sensibilizada, com traços finos e segnos; o primor da forma e o brando meio tom de melancolia, levemente ironico.

(*) Vide *A Semana*, ns. 126, 127, e 128.

(**) Vide *A Semana*, n. 129.

A essas qualidades individualizadas do poeta, que se confirmam nos *Versos e Versões*, juntam-se outras, neste livro; as quaes denotam que o poeta está hoje na plena posse de si mesmo, que assumiu a sua physionomia litteraria definitiva. D'elles a mais notavel é a harmonia perfeita das composições, consequencia do perfeito equilibrio das facilidades estheticas do poeta com os seus meios de execução.

E' um livro harmonico, homogêneo, uno, por assim dizer; um livro intelligível, como um bloco de crystal de rocha, de mil facetas e pyramides irisdadas, multicores.

Nelle não se encontram vacillações, impaciencias, descahidas inesperadas, os tremores da voz que canta e da mão que delinea e eselora. Nelle se observa e sente por todas as paginas uma tranquillá, cauta e singela força, propria de artista superior. E essa força é feita de sobriedade, gosto artistico fino e apuradissimo, singeleza extrema. da que immortalizou a estatuaria grega, extrema delicadesa e completo conhecimento de toda a esthetica do verso, de todos os segredos da Poética e de todos os requisitos do sagrado mistér.

Se entrarmos em detalhes, se estudarmos as multiplas qualidades subordinadas a essas, e d'ellas consequentes, se rehusarmos os meios artisticos em que ellas se revelam e com que produz o poeta as peregrinas e copiosas bellezas dos seus versos, ah! então, teremos trahalho com que encher um volume!

Se a Poesia é a arte mais poderosa e complexa, como quer Eugenio Veron, se ella é a um tempo pintura, musica e esculptura, de outro poeta da nossa lingua não sei, que, mais do que este, seja simultaneamente Pedro Americo, Carlos Gomes e Bernardelli.

Quereis pintura viva, real, flagrante, tocada por pincéis de mestre?

Lêde o soneto *Chuva e sol, Aspasia, Passeio matinal* etc.

Agóra, quadrinhos rapidos, em duas pincelladas firmes.

Nessa meema poesia, verso final:

« O bode o perseguiu-a e ella a fugir do bôden

E' todo um quadro em um verso.

« Apenas, leve, o bengali belisca
Da rubea manga a polpa aurea e madura.

Os *ss* e o *ser* o verso composto de palavras curtas, pausadas, pintam o leve bengali esvoaçando, investindo com o bico contra a fructa; e os *ii* (bengali belisca) dão perfeita idéa do seu bigninho, picando «da rubea manga a polpa aurea e madura.»

Uma borboleta gyrando, ha momentos apenas solta do seu casulo:

« Mal rompe a nymphá, o estajo abrindo, acida e impudeta,
« As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;
« O fússimo pó das azas espanega;

« Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga;
« Bóia do sol na mármã e rutilante vaga,
« Em grandes doas bôbe e azul, tanta, espairote
« No ether: rda em redor; ta e vem; sobe e desce;
« Torna a subir e torna a descer; e ora gyra etc.

Lêde a *Paisagem Polar*, traducção de Leconte de Lisle, mas traducção que é verdadeiramente um original, quadro vivissimo de uma paisagem de gelo, em que,

« ... a babar de voluptia, em meio á oerração,
Os ursos, colossas e formidandas massas,
Tropegos, cá e lá, dambalando vôo...»

Outros exemplos de pintura em um ou dois versos:

« O ouro pendão do trigo esplenda ao sol, endecante!

« Brilha o oheiroso orvalho em camarinhas frias
« Na rica e fulva sedra!

« Fulge ainda o amarello intenso das espigas.

« Espirra o sangue vivo e purpuro das uvas.

« Pinta-a no Olympo, dominando-o todo,
« Com esses olhos claros:
« Bellos e verdes...»

« Onde do Hymeto a tribu sequiosa

« E loura das abelhas
« Beije-lhe o doce beijo cbr de rosa
« E a doce cbr de rosa das orellas...»

« Rasga-lhe em larga teta o largo mundo
« Da Grecia; e amplas, remôdos horizontes,
« Onde se esfumem, pallidas, ao fundo,
« As cordilheiras dos mais altos montes.

E' delicadissima esta aquarella:

« Sitte, onde a luz solar, escassamente,
« Com precaução, entre o aranhão espesso
« Dos sycamoros filtra; e em cujo solo
« Misturadas, a sombra e a claridade,
« Num crepusculo vago, arfom confusas...»

« Não tarda que esta solidão rebente
« Toda em laços e pampanos a festas!

« Roto em flores, no sólo, o esplendido açafate

« ... os dois olhos de saphira,
« Duas ameadas lucidas, lavadas
« De luar...»

« O mar, em vagas que, espumando, rugem,
« Sobre os parceis, onde estrebucha e brama,
« Coepe a salgada e livida babagem.

Exemplos de mais ahi ficam, e não são sequer a metade dos que contem o livro.

Quanto á musica dos rythmos, á harmonia das syllabas, das rimas e das estropheas, á reproducção onomatopáica dos sons da Natureza, da voz das cousas e dos animaes; e quanto ao movimento, é riquissima tambem a lyra do nosso poeta.

Apontarei meia duzia da centena de exemplos que nos dão os *Versos e Ver-*

sões—para só a este livro me referir.—A tradução (?) de Richépin *Pr'a te enfiar as tranças pretas; e mais:*

« *Im quanto a chura cae grossa e terrenal.*
La fura, e enquanto, ô bella,
« A lufada glacial
 « *Tamborila a bater nos vidros da janella*

« *Destas noites no longo e monotono curso...*

(Um verso admiravel, com a loagura e monotonia das noites a que se referê o poeta.)

« *Comburentes, flammigomas bombardas,*
Ignea selva de canos de espingardas,
Estampidos, estrepitos, elangores;
E, bebado de polvora e fumaça,
Napoleão, que, galopande passa
Ao ruflar de freneticos tambores»

E' impossivel em uma sextilha de decasyllabos dar impressão mais nitida e mais completa de uma batelha napoleonica do que o fez, nessa, o nosso Raymuo Corrêa. Como que se ouvem todos os ruidos formidaveis da pugna, e so vê Napoleão atravessar ao galope doudo do seu corcel, e desapparecer entre fumaça e fogo, acompanhado pelo ruflar dos freneticos tambores...

Agora um exemplo do genero opposto; do som mais delicado e grato:

Tua voz tinha um timbre harmonioso,
Que, qual musica vaga e imaginaria,
Inda me offende o ouvido suspiroso;

Inda me sóa, como flebil aria,
Modulada num calamo choroso,
Tenue, longinqua, branda e solitaria.

Não é possivel continuar com esta exemplificação, por conveniencias de espaço e tempo.

Que se leiam attentamente os dois ultimos livros do primoroso poeta d'As Pombas; e encontrar-se-ão profusamente, prodigamente, esses admiraveis traços de observação da Natureza e de reprodução dos sentimentos; miniaturas admiraveis, em que a cor, o som, a fórma, o movimento, a *physionomia* vária e caracteristica das cousas, em summa a sua expressão plastica, phonica, dinamica e chromica se encontra impressa com tal relevo e poder imitativo que o leitor experimenta a sensação viva, directa, perfeita, dos objectos e dos sentimentos em que os versos se inspiraram e que pretendem transmittir.

Não posso, comtudo, dispensar-me de apontar dois ou tres exemplos d'esse admiravel e excepcional poder impressionista e expressivo do poeta.

« *Passeio Matinal:*

Desperta e vem! O vento borborinha
Pelos coqueiros tremulos... dardejia
O sol; e a luz sadia, a alma deseja
Bebel-a aos goles...

E' essa exactissimamente a sensação sentida ao amanhecer; a gente deseja beber, soffregamente, aos goles, a luz, a larga luz sadia, que enche o ar fresco e humido.

(Conclue no proximo numero.)

VALENTIM MAGALHÃES.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recobidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

O Guarany.....	8	votos
Fatalidade de dois jovens....	2	»
Memorias posthumas de Braz Cubas.....	2	»
Vicentina.....	1	»
Memorias de um sargento de milicias.....	1	»
Luciola.....	1	»
João e Francisco.....	1	»
O seminarista.....	1	»
Motta Coqueiro.....	1	»

Qual o melhor livro de contos ou novellas?

Papeis avulsos.....	3	votos
Historias sem data.....	3	»
Risos e galhofas.....	2	»
Lendas.....	1	»
Leitura variada.....	1	»
Pilherias.....	1	»

Qual o melhor drama?

Mãe.....	5	votos
Luxo e vaidade.....	3	»
Antonio José.....	3	»
O mulato.....	2	»
Os dois embuçados.....	1	»
Omphalia.....	1	»
Martyrios de uma familia....	1	»
O Fantasma branco.....	1	»

Qual a melhor comedia?

Vespera de Reis.....	4	votos
Como se fazia um deputado..	4	»
Demonio familiar.....	2	»
Amor por anexins.....	2	»
Os sonhadores.....	2	»
Uma scena no sertão de Minas	1	»
O pobre namorado.....	1	»

REGINA

(Conclusão)

Chegámos por fim a Londres. Fomos para o mesmo hotel que Regina. Ella collava o rosto aos vidros da caruagem, dizendo: quero ver se o vejo... A sua idéa obstinada e fixa era essa—encontral-o.

Logo que entrou em casa escreveu a Mr. Wright, pedindo que lhe fosse falar; mas Mr. Wright não appareceu. Depois de alguns dias de impaciencia espera tornou a mandar-lhe o seu cartão. Os bilhetes succederam-se durante muito tempo, mas sempre inutilmente.

Não queriam ser as primeiras a visitar o velho correspondente. Tinham feito o seu plano e caprichavam em executal-o á risca.

Regina não sahia, temendo que Mr. Wright a procurasse exactamente na occasião em que estivesse fora. Por fim, desanimada, consentio em acompanhá-las.

Mas nenhum dos muitos e soberbos espectaculos lhe absorvia o pensamento, girando sempre sobre a mesma idéa.

Andava abstracta, numa anciedade febril, por isso nem os quadros da Galeria Nacional, nem o aspecto animado e sombrio das ruas, nem as representações alegres do Alhambra, nem os multiplos cantos do Palacio de Crystal, nem a belleza grandiosissima dos templos, nem a observação dos costumes, dos typos, nada do que seduz, attrahe, prende irresistivelmente o espirito, a desviava um momento do seu sonho adorado!

Quando a censuravam, respondia: — Eu tenho vivido toda a vida com

os olhos fitos nelle; hei de abandonar-o agora?!

Uma vez entrámos na cathedral de S. Paulo, onde um padre prégava debruçando-se no pulpito e estendendo o braço para os fiéis, attentos uns, dormindo outros.

Regina segurou-me com força a mão, apontando-me um pequeno muito lindo, que offerecia um ramo de tulipas e jacinthos.

— Parce-se com elle, com o Guilherme, quando quebrei a telha da China! Le chegou-se ao menino, perguntou-lhe o nome.

— William, respondeu.

Regina, commovida, comprou-lhe as flores. Ha coincidencias na vida! disse ella depois, chegando ao rosto alvo e levemente pallido as tulipas vermelhas e os jacinthos cor de rosa.

A baroneza impacientava-se e arrependia-se de ter cedido ao capricho da neta.

— Se não era muito mais razoavel terem mandado avisar o Guilherme e mesmo Mr. Wright? Teriam evitado tantos desgostos, tantos! Dizia ella.

No fim de quinze longos dias, a baroneza, cansada de escrever ao velho Wright, decidiu-se a ir a sua casa, e encontrou um creado, que lhe explicou d'este modo a demora do amigo:

— Mr. Wright está ha um mez em Richmond, onde quebrou uma perna ao descer de um carro.

— Mas as minhas cartas!? exclamou a baroneza indignada.

— Mrs. Wright deu ordem aos famulos que guardassem no escriptorio do marido as cartas e os jornaes do correio de Londres, e só lhe mandassem as do estrangeiro...

Haveria razões para isso. Os medicos recomendaram socego, muito socego, ao doente...

A baroneza resolveu ir a Richmond, nesse mesmo instante.

O creado, muito sério, pediu permissão para observar que seria melhor esperar.

— Mr. Wright chega a Londres amanhã, disse elle, curvando ligeiramente o corpo; entregar-lhe-ei todas as cartas, logo que vier ao escriptorio.

A baroneza, mais animada, voltou ao hotel.

Regina chegara commigo da Hyde Park, e sentada ao canto do divan, encollida com frio, esperava impaciente a avó.

Collocára ao lado o chapéu e as luvas, e entrelinha-se machinalmente a tirar e a pôr no dedo o seu anel, um aro fino com uma perola negra muito redonda e grande.

— Guilherme, quando souber que estamos em Londres ha quinze dias, ha de ficar sentido! murmurava ella, olhando acariciadoramente para o ramo de tulipas e jacynthos, comprado na vespera em S. Paulo e que estavam alli num vaso de pé de nickel, elegante e fino, sobre a meza coberta de albus, de livros illustrados e de jornaes inglezes.

Elle lembrava-se, rindo, do espanto do pequenito, quando elle lhe perguntou o nome.

— Eu devia tel-o levado a um photographo, continuava Regina animadamente; queria ter um retrato d'elle, assim, com aquelle casaco roto na gola e nas algibeiras, os sapatões maiores do que elle todo, o cabelo cahido na testa e o formoso rosto meio erguido como quando me falou. Guilherme naquella idade tinha a mesma expressão, doce e intelligente, e era tambem alvo e loiro...

A baroneza veio arrancar-lhe a attitudão preguiçosa de gatinha animada. Logo que a avó appareceu na sua confortavel sala de conversação, Regina levantou-se, num movimento rapido, e antes mesmo que a pobre senhora se sentasse dirigio-lhe nervosamente um rosario de perguntas:

— Mr. Wright estava? Que lhe disse? Tem visto Guilherme? Quando vem?

A avó sorria-se áquella impaciencia e calava-se maliciosamente. A neta interpetrou mal a mudez da sua velha amiga e correu a afastar o reposteiro, cuidando encontrar atraz d'elle o primo. Ninguém na sala immediata!

— Vem cá, minha doidinha, chamou a baroneza... e contou-lhe tudo o que se passara.

Regina, de pé, com os braços pendidos ao longo do corpo, curvava a cabeça para a avó, que levantava os olhos para

ella, descrevendo umas rissonhas promessas para o dia seguinte.

— Amanhã, affirmava, Mr. Wright virá jantar commosso e trará commigo o nosso Guilherme sob qualquer pretexto.

— Mas que pretexto, minha avó?

— Ora, não faltam expedientes a um homem como o amigo Wright...

E puzoram-se a fazer projectos, alegremente.

Nessa noite fomos, como quasi sempre, juntas ao theatro. Em quanto admiravamos o actor Irving no seu bello trabalho de Mephistopheles, Regina passeava o binocolo pela plateia do Lyceum e pelos camarotes numa anciedade febril.

Tu não te lembras que estás em Londres, e que isto é um mundo? perguntava-lhe a baroneza, batendo-lhe com o legue uma leve pancadinha no braço.

Regina sorria-se e voltava para o palco a cabeça.

— Esta noite não durmo, disse-me ella ao despedir-se, a pensar na minha felicidade de amanhã.

Erem seis horaa da tarde quando entrei na sala de Regina.

Encontrei-a radiante, com o seu vestido de pellicua branca muito justo e afogado; o cabelo escuro, preso no sitio com a sua costumada simplicidade; uma perola atarrachada, como um botão, em cada orelha, e nenhum anel no mais. A baroneza fazia pacientemente sentada a uma mesa ao lado da janella.

— Mr. Wright? perguntel-lhes.

— Esperamolo...

— Não pôde tardar... replicou, suspirando a baroneza, que juntando as cartas e baralhando-as, perguntava qual tinha sido o meu passeio nesse dia.

Demorei-me a falar-lhe do que y em Kew Garden, o bello e extensissimo jardim; das suas estufas esplendidas onde florescem camelias e parasytas; todas as mais finas e exquisitas plantas tropicaes; do lago, em quo veceja grande flor aquatica *Victoria-Regina* natural do Amazonas; das margens da Tamiza, que subimos num vapor dos suburbios; das *cottages* da estrada por onde regressáramos á cidade...

— Eu hoje não sahi, felava a baroneza; é realmente estúpido estar-se um dia todo no hotel, numa cidade d'estas; mas esperamos a todo momento Mr. Wright. Não calcule; a minha Regina passou a noite em claro, nervosa, com febre, a pensar na visita do noivo... é uma verdadeira criança.

A neta ria-se e beijava numa effusão de alegria as faces morenes e engheladas da avó. Sou tão feliz affligava ella; e ensaiava a maneira de receber o primo.

— Olhe, ha de ser assim: deixo-o primeiro tomar-lhe a benção e... não, tenha paciencia, minha avózinha, permitta que seja meu o seu primeiro abraço, sim?... Santo Deus! que de cousas eu tenho para dizet a Guilherme.

E projectava depois demorar-se em Londres uns mezes, casar-se, ir á Italia...

— Era o seu desejo ir á Italia...

— Primeiro vamos á Allemanha, observava a baroneza...

— Pois sim! iremos á Allemanha, á Russia, á Suissa, a toda a parte, contando que vá o Guilherme tambem.

— Se elle quizer...

— Oh! se ha de querer!...

A baroneza tentava conter as expansões de Regina, mas era trabalho inutil.

— Quando ee tem uma felicidade intensa não se olha a convenções, murmurava ella a meia voz, estendendo de novo sobre a mesa de charão as cartas para a paciencia.

Neste momento um creado trouxe-lhe numa salva um cartão; a baroneza depois de o lêr disse para a neta, placidamente: com um sorriso:

— E' elle; e, voltando-se para o creado, ordenou que fizesse entrar a visita.

Regina empallideceu, e, levantando-se, firmou a mão nas costas do *fauteuil* junto á mesa.

Um silencio, o silencio da commoção, substituiu os alegres rumores de ha pouco.

O creado corren por fim o reposteiro

e Mr. Wright atravessou, coxeando, a sala, indo curvar-se respeitosamente em frente da baroneza.

Regina, imóvel, tinha os olhos muito brilhantes fixos na porta.

— E o meu neto?! interrogou a baroneza, levemente assustada.

Mr. Wright sorriu.

Regina, olhava para o largo repositório cor de fogo. A baroneza, com o pescoço estendido, os lábios seccos entreabertos, parecia querer ouvir de perto a resposta do inglez, que, sem alterar nem de leve a physionomia, esperava evidentemente qualquer cousa.

A baroneza, comprehendendo-o, apontou-lhe então uma cadeira, sem animo de dizer mais nada, como ferida de um presentimento. O inglez sentou-se e precipitou-se.

— A senhora baroneza chegou tarde; Guilherme partiu ha, seguramente, vinte dias...

— Para o Rio?!

— No, madam, para New-York, d'onde era filha a senhora com quem casou.

— Com quem casou?! perguntou num falso estrangulamento a avó da Regina. E' impossivel, Mr. Wright! é impossivel!

Regina, immovel, desviava os olhos da porta e fitava-os no rosto avermelhado do inglez, que, sorrindo, continuava:

— Aquillo foi rapido; elle viu-a num dia, declarou-se no outro, pediu-a no immediato aquello em que se declarou, e casou-se no immediato aquelle em que a pediu. Não se admira aqui não é raro acontecerem essas cousas.

— Mas... e o meu consentimento?!

— Tudo se dispensa quando ha pressa, muita pressa, you know... respondeu o inglez.

Regina, silenciosa, ouviu a narração do casamento do primo sem pestanejar...

Quando Mr. Wright sahio, a avó voltou-se para ella, e sem proferir uma palavra consoladora, achando imprópria toda a expressão, contentou-se com abanar amargamente a cabeça, demorando pearos os olhos na sua querida Regina, que se vestira como num dia de nupcias, o grande dia illuminado pelo ridentissimo sol da felicidade!

— Em vez de festa, tens logo, pobre criança adorada! dizia o doce olhar da bondosa senhora.

Regina permanecia altiva e serena como uma estatua. Nem uma lagryma turbará a placidez do seu rosto. Conservou-se assim durante alguns segundos, depois atravessou a sala com passo firme; mas vagaroso, como se amastasse um pesado manto de dores e sofrimentos, e sumio-se atraz do repositório do seu quarto.

No dia seguinte Regina conversou muito á mesa, fingendo os dentinhos claros no *roast-beef saugrento*. A baroneza é que, contra o costume, guardou silencio e não juntou.

Ao levantarmos-nos, disse-me elle, apontando a nota:

— Aquillo é uma heroína!

E nunca mais illudimos, nem de leve, ao desaealhar do seu querido sonho!

Regina acompanhou-nos a Paris, onde procurou divertir-se muito; foi uma bella companheira, amavel, risonha e apreciadora.

Gostava de sahir, de vér, de criticar; era realmente incansavel.

Vivamos reunidas durante o tempo em que estivemos na grande capital, até que uma manhã despedimo-nos, e talvez para sempre, como acontece geralmente aos viajantes. Ella subiu para o norte, e eu desci para o sul.

Lisboa, 1886.

JULIA LOPES.

MAX NORDAU

As mentiras convencioneadas da nossa civilização

(Du conventionellen Lügen Kulturmenscheit)

Vai como um grande rio a corrente dos seculos, rodando as tyrannias fa-

talmente com o peso da necessidade e o impeto da luta pela vida. De tempos a tempos, levanta-se a opposição da maré crescente do oceano, o oceano profundo e vasto do sofrimento, dos ideos generosos e humanitarios; travase o conflito das tendencias; o ideal que resiste, o facto que se obstina; mas o rio vence final e passa, sob as espumas.

Para aquelles que assim não pensam, para os que creem, no sentido social da expressão, a obra de Max Nordau merece a consagração de um cathedrismo.

Como trabalho de propaganda e vulgarização não ha demasiado elogio em favor d'as mentiras convencioneadas de nossa civilização. E' impossivel fazer n processo das culpas do nosso tempo com maior vigor, maior serenidade de justiça e de critica. Regrado pelo criterio de um bom senso exemplar, através de um systema inexoravel de correcto logica, esclarecido pelas informações as mais precisas, as mais firmes de uma sciencia aprofundada e sadia, o escriptor allemão conduz á batalha oito formidaveis capitulos, com a estrategia de meate de quem se educou em disciplina pelos mandamentos do militarismo nacional.

E' um livro perigoso e bem merece a vigilancia em que o tem apertado na Europa a censura policial dos interesses no *statu quo das Mentiras*.

Escriptor considerado affirmado, entre nós, como defeito, que são velhas as razões de ataque de Max Nordau. Effectivamente n autor compendia e methodisa velhas queixas e antigos protestos; mas todo livro de reforma social que não oncampasse as queixas seculares, os velhos gemidos humanos, seria falso e desaturado. O escriptor sabe magistralmente coordenar as acusações, renova o libello, n um vestuario de linguagem que maravilha de clareza, sem refolhos de litteratura, imperturbavel, em meio do estardalhaço de terreatos dos edificios do embuste que ruem, ao esforço dos seus argumentos irradiados n'uma *razzia* fulminante de explosões.

Fora injusto requerer mais de uma obra congenere, para se lhe tributar admiração. No seu primeiro capitulo, Max Nordau prescreta as origens da sombria inclinação dos espiritos n época para o desesperado pessimismo, do que dão testemunho principalmente as escolas litterarias da actualidade. Encontra a causa no desequilibrio reinante entre o progresso espirital e a falsidade das antiquadas instituições. «Este eterno conflicto entre os nossos costumes e as nossas convicções, provoca uma traumada reacção sobre a vida intima do individuo, que então a si mesmo se afigura um palliço a divertir os outros e que despreza as proprias palliçadas, as quaes por isso o deixam profundamente triste... O que ao pessimismo nos iaduz e ao scepticismo é exactamente esta perente contradicção, entre as nossas convicções e tudo quanto vemos em torno; é esta necessidade de viver em meio de instituições que julgamos meitirozas.»

E' esta talvez a mais bella parte da obra. E a interpretação psychologica do pessimismo, independente de quantas lhe tem dado outros escriptores, é além de original, sensatissima e lucida. No seguinte capitulo, analysa-se a *mentira religiosa*. O publicista ressalva como honesto e sincero o instincto religioso que vive no fundo da alma e que alimentou a genese dos systemas religiosos nas primeiras idades, instincto de idealismo e de pavor, imperceptivel, organico. «Preces, sacrificios, exorcismos são manifestações daquelle mesmo sentimento de que Darwin — no seu livro sobre emoções manifestadas pelos homens e pelos animaes — faz derivar as formas da salvação, isto é, o agitar da cauda no cão e rojar-se á terra, o ronronar humilde do gato, o inclinar-se e descobrir a cabeça no homem; actos que indicm todos sujeição a um adversario mais forte.» Estuda magistralmente a concepção impossivel do *nono ser* e aventa a questão do suicidio, com uma verdade que devera ser apreciada pelos nossos theoristas da morte voluntaria. Como derivação da teudencia idealista, propõe uma compensação que ha de vir da palavra do poeta e do pensador em substituição á voz dos pulpitos; os theatros, os concertos, as reuniões, substituirão as igrejas, as solemnidades de beneficencia, as pra-

ticas humanitarias e as comemorações civicas, em honra da Solidriedade substituirão o ritual da agua benta e dos canticos inanos. Contra este ritual de exterioridades meitirozas é que se dirigem os golpes irresistiveis do exame de Max Nordau. Discute triumphalmente a comedia da liturgia, o Papa, as relações da Igreja com o Estado, o ensino religioso official em luta com as noções do ensino profano e conclue que mente o Estado quando marca dias de oração, quando estipendia padres, quando da assento na alta camara aos principes da Igreja, mente a communa, quando erige templos, mente o magistrado quando sentencia e condemna por sacrilegio e offensa a communidade religiosa; mente o padre quando se faz pagar para realizar actos ou recitar palavras que bem sabem, mais não sao que estúpido churlatanismo; mente o cidadão de espirito culto, quando simula veneração ao padre, quando se acerca da communhão, quando faz baptizar o filho.

O terceiro capitulo é um monumento de logica e de ironia. So desmentido tivesse força de annullar a mentira, a revolução social do notavel libello começaria d'ahi, desse terceiro capitulo contra a mentira monarchico-aristocratica. A critica multiplica-se em legião e os argumentos vão como esbirros aos escondrijos do tempo e da historia, prende em nome do bon senso soberano, alguma com o ferro da coherencia as tradições do facto e osarrasta no tribunal da verdade.

Desmascaram-se os tyrannos do direito divino, solidarios através das uações pela correspondencia secreta das cortes, conspiração permanente contra os direitos populares, applaudido pela adulção aulica dos grandes que vivem do prestigio dos tyronos, como vivem os monarchas das benções de Deus, garantida pelo terror dos exercitos e pela ignorancia das massas. Apella-se para o constitucionalismo. O constitucionalismo é ainda mais falso que o regimen absoluto. Fuge admitir a soberania do povo, como tempo da autocracia do rei, tal qual se fossem combinaveis no mesmo dominio duas omnipotencias. A monarchia absoluta, ao menos, dá Deus por si como uma razão suprema. Entretanto, diz o escriptor: «não fuço aqui o processo da monarchia em proveito da republica...»

A republica se quer ser um progresso e uma verdade, deve presuppor como necessaria condição, toda uma serie de instituições sociaes, economicas, politicas, que são couza bem diversa do que existe... Uma republica com religioes do Estado, com mysticas formas de juramento, com leis que punam o sacrilegio, com hereditaria nobreza e privilegios de nascimento e a posse hereditaria preponderante, é uma republica que nenhum progresso assignala na humanidade e não differo essencialmente da monarchia, antes vale menos, porque não contenta a logica, nem a esthetica, muito ao contrario do que succede com a monarchia absoluta que é uma construção historica, unitaria e symetrica.»

A apologia que faz o autor, rica de considerações novas e brilhantes, da aristocracia natural como uma maneira de selecção que nenhum regimen politico tem conseguido impedir de se formar, porque por espirito de familia, por superioridade de educação tem o caracter mais puro, mais forte, porque mais cedo os homens ahí se preparam para o governo evitando o inconveniente da direcção exclusiva dos velhos, essa apologia parece ir de encontro á instituição de communismo proposta no capitulo quinto. A antinomia nasce da falta de alguma elncidação, de detalhe na engrenagem de tão complicados assumptos.

A concessão de titulos de nobreza, como diversa da aristocracia espontanea, n escriptor a condemna. Esses titulares são sempre, digo sempre em absoluto, almas vulgares, intrigantes e aduladores que passam os annos amodagando em si mesmo todo o estímulo de independencia, cancellando todo movimento de orgulho e da consciencia de si proprios, inclinando-se diante de qualquer autoridade, atrahindo-lhe as graças com fazer-lhe boa cara a todas as estravagancias...»

No capitulo quarto, são analysadas as mentiras politicas, a supposta defesa da propriedade e da vida pelo Estado, illusão que vale os dolorosos im-

postos e o onus do functionalismo, a pretensa representação popular pelo parlamentarismo.

Nordau admitta n systema representativo como legitimo e de boa theoria; praticamente é que o falso. Entre as mentiras «clares» umas trazem a mascara do passado; outras a do futuro. O parlamentarismo é de numero destas. «Em muitos paizes» parlamentarismo não é mais que o scenario, por detraz do qual o absolutismo da monarchia por graça de Deus, se diverte e ri. Onde isso é uma realidade e o parlamentarismo reina e governa, outra cousa mais não indica do que a dictadura de alguns personagens que virtualmente tomam conta do poder.

Nordau tem fé, entretanto, no futuro e conta com a restauração do systema e com o advento da justiça, mo a justiça absoluta que é impraticavel, mas a justiça razoavel: «a diagonal de um parallelogramo de forças, cujos lados são o poder e o ideal do direito.»

A *mentira economica* é celebrada com temerosa franqueza. O estylo incisivo da obra requinta-se em vehemencia; brilha na linguagem diaphana a grande alma do socialismo europeu em relampagos de incendio. Perebese a indignação nobre do propagandista, tentando agitar a calma impassivel do critico.

No fim do seculo XIX encho o mundo o clamor dos que reclamam pelo, a grande maioria do genero humano. Foi-se o tempo dos ideos religiosos e politicos. «As populações dividem-se, de uma parte, uma pequena minoria que vive em um luxo indecente e estropeio a mesti minoria: uma fracção possivel de verdadeiro furor de dissipação; d'outra parte uma grande massa, á qual é possível a vida a custa da durissimas fadigas, ou antes, a que se não permite, mau grado todos os se forços, uma existencia digna do homem.» E' esta a concretização da theoria moral que ensina, contra todos os principios physiologicos, que «o ocio é n pae de todos os vicios e o trabalho o uma virtude... O ocio é um vicio, mas só para o pobre. Para os outros é antes um attributo da superioridade humana... A sociedades delimitando a moral do modo de pensar dos capitalistas tem para o trabalho palavras de elogio; ao trabalhador roeervallic o mais baixo logar...»

As questões do pauperismo, da educação dos pobres, das machinas, da grande industria, do erro economico, da excessiva produção com abatimento dos salarios, são debatidas com proficidencia, sem se attender absolutamente a preconceito de nenhuma especie. O capital é a minoria de ladros para os que trabalha a generalidade, poderosamente organizada. A legislação lhes presta inteiros os seus serviços porque se acuclos a têm em punho... A Bolsa «uma espelunca onde os bardiernos continuadores dos aventureiros estrangeiros da idade media se retiram para despojar o viandante.»

Emquanto a especulação «porque dispõe do meio de ser mais bem informado, porque aa perdas menos medo lhe fazem do que ao honesto economizador, e porque sabe astutamente pensar as eventualidades», entrega o seu pouco escrupulo á gymnastica de todas na flexibilidade, em detrimento dos que trabalham, enquanto o grande industrial, fazendo do proprio capricho e da ignorancia leis economicas, se empenha em preparar as crises da exaggerada produção em que o prejudicado é sempre o operario — vai prevalecendo o principio malthusiano de que a terra não dá para a alimentação dos homens e quasi esquecida de todos a agricultura. O principio physiocratico é a regra immortál das riquezas; Quesnay é a eterna economia politica; Malthus o capital prefere Malthus, victimem-se os *homens de mais!* porque esta theoria assassina melhor se quadra com o lucro immediato que a industria promete.

A Europa fazendo cantar a fanfarra dos seus progressos não se envergonha de apresentar incultas leguas e leguas de terreno. «Se todo o solo europeu fosse cultivado como o da Belgica, envez de nutrir 316 milhões de necessitados, poderia nutrir 1950 milhões de invidnos, isto é um numero muito maior de homens do que os existentes em todo o mundo.» Ou então poderia distribuir quantidade de alimentação seis vezes maior aquelles mesmos 316 milhões. E só conhecem os governos a theoria

das raptações, quando é tão fácil tão realizavel a maxima da economia: monogamia, algodões de Manchester, menos cutellaria do Sheffield, e um pouco mais de carne, um pouco mais de pão.»

A bem da relativa egualdade dos homens, Nordau propõe o communismo. A propriedade individual está de accordo com a natureza humana; a excessiva a propiedade é abuso. A principal causa da desproporção espantosa da propriedade dos individuos é a successão hereditaria; eja o Estado o herdeiro commun. A isto se reduz o communismo de Nordau. «Imagine-se um estado que dê educação a todos os moços e sustente aquellos que não puderem ser sustentados pelos paes, até a idade em que souberem por si ganhar a vida, e, attigada esta idade, offereça a esses moços instrumetados para um trabalho independente... A reversibilidade do Estado dos bens dos defuntos, crearia um inexaurivel patrimonio collectivo sem abolir por isso a propriedade individual.» Assim, por proporções destacadas, não é possível senão muito por alto dar idéa desse plano economico, tão natural e tão simples, que demasiado simples parece. Fôra mister acompanhar a argumentação do livro, coisa ariscada num *compte rendu*, considerando-se que o encadeamento do raciocinio nos poderia levar muito longe.

Ninguem se lembre de cogitar no sentido d'essas reformas, que não tardará muito que a violencia dê cabo da actual organisação economica da violencia. Basta que o queira a dynamite. A dynamite ou a Fome que é um elemento muito mais terrivel.

No sexto capitulo, da mentira matrimonial, chega o publicista ás mais arrojadas conclusões da sua theoria. Incropea o christianismo de haver feito da castidade uma virtude e do amor uma vergonha, quando é exactamente o instiactio erotico o aferidor da energia vital da especie humana. A consequencia desta deshumana moralidade, de accordo com o mentiroso systema das instituiçoes economicas, sociaes e politicas, foi o prejuizo das gerações futuras. Arvorado em preceito matrimonial, graças ás modalidades de prostituição (união sexual sem amor) a que mais ou meos se reduz a vida sexual dos povos. A victima actual é a mulher. Alguns pseudo-philantropos clamam pela emancipação do sexo feminino. Meditassem antes reformas da sociedade que permitam ao pobre sexo fragil, mesmo permanecendo na sua natural submissão, escapar ao inferno de humilhações e de miseria, onde jaz encerrado, entre as torpezas do mercado da carne e do sophisma domestico da *coquage* e os desesperos ignorados da solteirona.

«Para se saber se uma instituição humana é justificada cumpre examinar se está de accordo com a natureza com os instinctos e com os mais altos interesses da humana especie. Applicadas estas considerações ao matrimonio, suscita-se forte a duvida se pôde elle resistir á critica, e parece cousa difficil demonstrar que seja um estado natural do homem.»

O matrimonio tem por principio a monogamia. Consultando-se os instinctos, guia infallivel dos interesses da especie, em questão de annos, verifica-se que a monogamia não é natural. É uma inspiração do egoismo da transitoria organisação economica da sociedade que não concebs a manutenção dos filhos senão pelo casal procreador. Para de algum modo salvar a especie, inventou-se e conjuge perpetuo. Em que pese aos poetas o eterno amor não é uma condição do amor. «Bem foi que morressem jovens Romeu e Julieta. Se não se acabasse a tragedia no quinto acto, penso que logo se havia de falar de diacordias no interessante casal. Receio muito que, depois de alguns mezes, Romeu dar-se-ia uma outra amante e Julieta abandonada teria buscado conforto em qualquer nobre de Verona. Horrible certamente, depois da scena do balcão um processo de divorcio como epilogo. Pois bem porque conheço Romeu e Julieta, ousou affirmar que isso havia de acontecer sem duvida alguma; porque eram ambos muito moços, muito apaixonados muito imprudentes, e muito facilmente impressionaveis... Apesar disso, porventura se não amaram Julieta e Romeu?... Fôra um peccado mortal, tanto sob o ponto de vista da selecção

humana quanto da poesia. E ainda se o seu matrimonio tomasse máu caminho, isto fôra não já uma prova contra o seu amor, mas unicamente uma prova contra o caracter anthropologico que se quer dar ao matrimonio.»

Assim dissertando propõe Max Nordau a medida regularisadora do divorcio. O homem não é um animal monogamo. «O amor exhaure-se, conseguindo o seu fim, realisando a sua missão, precisamente como cessa a fome, quando não se sente mais a necessidade da comer.»

Necessario não é o divorcio commum, apontado como uma culpa, mas o divorcio honroso, da lei natural. Não obstaate, muita vez dar-se-ha a hypothese da ligação dos esposos por toda a vida. Quanto ao estinulo conjugal do amor succeder a accessibilidade de convienciencia por sympathy de caracteres e o novo enlace que o amor dos filhos estabelece entre os pais.

O penultimo capitulo das *Mentiras convenionaes* tem por titulo *Algumas mentiras menores*. O trecho em que nesta parte se refere a tyrannia usurpada do jornalismo mo lerno são dos mais notaveis.

Em conclusão, á ultima parte do volume, o autor desenvolve a sua theoria do progresso e o modo de comprehender a moral. Houve tempo em que se equilibraram as convicções individuaes com as instituiçoes da collectividade; o desequilibrio hoje reina e é insupportavel. Para se obter novamente o equilibrio só ha: retrogradar, ou confiar no futuro. A volta ao passado é uma aspiração absurda. Trabalhemos pelo futuro.

«Assim o opportunismo, hoje tanto em voga e tão diffundido, pretendendo, por temor das aoluções radicacs, encadear á mentira a humanidade que busca o verdadeiro e na luta das novas idéas contra as velhas formas, defender estas ultimas sem fazer guerra ás primeiras, torna-se o mais cruel inimigo da especie humana e a mais completa immoralidade.»

A moral é a regra do bem. O bem é aquillo que se fosse generalisado, daria á especie condições mais favoraveis de existencia.» Assim como nasceram as religiões e se radicaram como um vestuario de metaphora da instinctiva solidariedade humana, assim a solidariedade da consciencia ha de vencer um dia.

O futuro é isto — o coração humano em triumpho.

Tal é o livro, cuja tradução acabam de editar os Srs. Laemmert & C.

R. P.

POESIA E POETAS

«FAGULHAS» — VERSOS DE EDUARDO CHAVES — 1887 — S. PAULO.

Em nitido voluminho de 100 paginas fez o Sr. Eduardo Chaves imprimir em S. Paulo, nos prelos da officina de Banel, Pauperio & C. as suas produções poeticas.

Fagulhas chamou o poeta o seu livro e teah que não andou muito avisado em assim baptisal-o, pois mais proprio seria esse titulo para uma collecção de versos humoristicos que para uma serie de pequenos quadros, de pequenos estudos descriptivas que abundam em seu volume e lhe constituem a nota dominante.

Versos humoristicos ha pelas *Fagulhas*, mas com serem poucos e de pequeno valor não lhes podiam caracterisar.

O Sr. Eduardo Chaves é um poeta aadio e alegre. No seu livro não ha uma nota pessimista ou descrente; não lhe importunam os males que soffrem todaos os homens, as magoas que pun-

gem todos os coraçoes, as almaes dilaceradas pela duvida. Crê e sente-se feliz por podar axclamar:

A crenga, minha mãe, consoladora
Que me suspiraste, quando infente imbelle,
Inda perdura em mim, inda me doura
A vida... existe Deus... e grande é elle,

E assim vae, mundo afóra por entre os tristes, crente e alegre, deixando atraz o mal com seu cortejo funebre de dores, palheta em punho, pintando ora *inter silvas* o concerto dos *aligeros tenores* de que fala o immortal poeta das *Symphonias*, ora transportando-se á Grecia e copiando a *Festa do Lyco*, ora confrontando o *Dia e a noite* e vendo qual tem maior quinhão de doçura e de grandeza...

Ah! mas lá descubro um ponto escuro! umas quadrinhas que assim terminam:

É meu peito um cemiterio,
Nesta funebre devesa:
Qual um mocho sempre alerta
Canta-me dentro a tristeza.

Não se admire o leitor; essa nuvem não é com certeza, mais que o resultado de não lhe haver a gentil camena esperado á janella ás horas do costume. Depois, repare o leitor, a tristeza do Sr. Eduardo Chaves é uma tristeza que lhe canta deatros d'alma e bem fez elle em chamal-a *Phantasia*. Nas paginas seguitaes, a mesma nota das anteriores a essa *escura Phantasia*.

Felizmente, para o Sr. Eduardo Chaves...

— Agora, permitta-me o poeta, que é tambem meu amigo, que eu lhe faça notar alguns defeitos que infelizmente depreciam muitas pagiaas das *Fagulhas* — O Sr. Eduardo Chaves metrica regularmente, e atretanto o seu verso não tem harmonia alguma e a falta de harmonia do verso acarreta um desconchavo desagradabilissimo na estrophe.

Não é esta uma cenaura feita para não deixar de censurar. Aqui vão versos insupportaveis para qualquer ouvido:

Éu a ti, tu a mim... dois gaturamos
Da paixão desvairada no requinto.

No soneto *Delirio das Deuses*, aliás bello assumpto digno de melhor execução

... Dianna

Se esconde derramando já moatigo
Bribo... Apollo ergue a fronte soberana
Num diluvio de fogo movediço.

e mais

A linda Venus
Some-se acompanhada de Cupido.
este até faz lembrar, pelo barulho, o celebre verso descoberto pelo illustrado critico Lucio de Mendonça:

O Atheniense assenta-se no chão.

Em um aoneto a Narcisca Amalia:

Ahi, se a marulbar não se divisa
O gigante indoleavel, o monino
Mar, em compensação ouve-se o hymno
Mavioso do rio que desliza.

Francamente, estes versos estão certos, porem são duros, barulhentos, insupportaveis. Ha aonetos nas *Fagulhas* que produzem a impressão de um carro que roda em uma estrada de *macadam*.

Aponto esse defeito para que delle se corrija o Sr. Eduardo Chaves, pois teinho que é um defeito capital.

Apesar de surgirem em cada folha destes versos, tem as *Fagulhas* algumas bellas paginas como sejaõ: *Idyllio*, *A peste negra*, *Serenata*, *Deante de um sapo morto*, *Inspiração de um quadro* e em toda a parte humoristica do livro o soneto *Convite*.

Agora para dar aos leitores um amostra do poeta, offereço-lhes esta pagina das *Fagulhas*, que contem um bello soneto, que maie bello aeria se lá não estivessem estea dois versos no segundo quarteto:

Visitava a miudo o maltrapilho
Exercendo o dever do apostolado.

SUPERSTIÇÃO MATERNA

Ora ardendo na febre, ora gelado
Se de debatia da choupana o filho;
Já do sopro lethal embaclado
Do olbar perdera o crystallino brilho.

O medico, apezar de longo o trilha
Que levava ao casebre, dedicado
Visitava a miudo o maltrapilho
Exercendo o dever do apostolado.

«Era mal sem remedio!» predissera:
A mãe, porem, radiante do esperanza,
Exclama, enquanto o esposo desespera:

«Morte, embalde! Teus esforços perdes!»
— Tinha visto voar sobre a crianca
Mimoso beija-flór de ponnas verdes.

Procure o Sr. Eduardo Chaves ter musica no verso e harmonia na estrophe que eu nelle saudarei o futuro auctor de um livro de primeira ordem.

Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1887.

RODRIGO OCTAVIO.

NOTAS PHILOLOGICAS

Um dos factos mais curiosos da philologia românica é o que a analyse evidenciou na lingua franceza: a existencia de formas duplas, provenientes ora do nominativo ora do accusativo dos nomes da terceira declinação latina. Exemplo:

1. Pâtre — *pastor*
Pasteur — *pastorem*.
2. Maire — *majör*.
Majeur — *majorem*.
3. Sire — *senior*.
Seigneur — *seniorem*.

O mesmo phenomeno realisa-se no portuguez e pode observal-o em um numero consideravel de casos (1).

Alguns nomes, introduzidos por influencia litteraria, vieram do caso recto etymologico; taes foram: *leo*, *virgo*, *scorpio*, *Cicero* e que já encontraram, ao entrar na lingua, as formas obliquas do accusativo; *leão*, *virgem*, *escorpião*.

De nome Cicero, temos a forma antiga quinhestista *Cicerão* e a forma italiana de identica origem *Ciceroni*.

Jupiter e *Jove* são igualmente formas da cunho litterario e erudito.

Ha outros exemplos, acerca da lingua

(1) Foi por indicação de Capistrano de Abreu que iniciei, neste sentido, as minhas pesquisas. V. a minha *These de concours*, pg. 17, nota.

commum, que offerecem maior interesse.

1. Trêde — *tráditôr*.
traidôr — *tráditórem*.
2. tredice — *tráditio*.
traição — *tráditionem*.
3. Saiho — *sápor*.
Sahôr — *sápórem*.
4. Ezlpa — *erysipelas*.
Eryaipéla — *erysipélatem*. (2)
5. Pavo — *pavo*.
Pavão — *pavonem*.

Estes axemploa estão longe de ser os únicos. Por influencia das linguaas romanicas modernas tivemos aa formas *honôr* e *errôr* que vieram ajuntar-se ás ja existentes *honra* e *erro*.

Foi do francez que se transplantou n nome *chantré*, do nominativo *cantor*; e temos ainda n divergencia *cantôr* do accusativo *cantorem*.

Sucedeu frequentemente que um dos vocabulos archaisou-se e o outro permaneceu. E' o que se vé de *sengo* e *senhor* (senior e soniore); *pindra* e *penhór* (pignor e pignorem); *raso* e *ração* (ratio, rationem); *ladro* e *ladrião* (latro e latronem.)

Nos moteriaa analysadaa, a divergencia casual, recto e obliqua, é evidente e intuitiva.

Ha circumstancias que, todavia, difficultam qualquer affirmacão categorica.

As formas *travo* e *travór* parecem obdecor á mesma lei: os glossarios, porém, não consiguam o vocabulo *travo*.

A' palavra erudita *jur* veio ajuntar-se o termo inglez *jury*, de origem românica. E' provavel que a forma *jury* não represente o uso obliquo, e veuha do francez, *jurée*.

JOÃO RIBBIRO.

A AGUIA

A VALENTIM MAGALHÃES

Altiva e incançavel ague
Atravessa a immesidade;
Sem temer que o ceo esmeque-a
As nuvens brancas invade.

E pelo sol redoireda,
Sem os minimos essombros,
Caryatides onseada
Sente o azul tenger-lhe os homhros.

O Pensador, que soismendo
Vlyia encadeado ao chão,
Vendo além e egue passando
Disse eo ar, disse á emplião:

Sempre assim, mundo mesquinho
De invencivel fatalismo;
Uns temendo o turvelinho,
Outros zomhendo do ehysmo.

A ren no lodo escondilde,
Tu ãas nuvens etrevez;
Aquelle chorando e vide
Tu vendo o munda e teus pés.

Uns tendo o herathro fundo
Apenas para proscenio;
Outros acima do mundn
Armedos de ezas do genio.

Ne terra hnmilde, resteiro,
Cauteloso o caracol;
E tu fazendo poleiro
Dos reios quentes do sol.

(2) No heixo-latino não havia e noção do genero neutro bastante determinada.

Este trahilha na treva
E a treva nunca venceu:
Aquelle onseado se eleva,
E ronha o fogo do céu.

O ceminheiro extennado
Torna-se á noite descrente;
E tu no azul constellado
Paisas ladolentemente.

Assim eu, curvado e exhausto
Verne, sem forças haqueio.
E aturdido com teu fausto
Não ir tão longe receio

Céu, p'ra veres como posso
Transpor as miserias rasas,
Prende aos homhros de um colosso
De harfeng as pulsantes azas!—

Mas nisto vé que uma penna
Feito uma setta descia,
E espiralando, serena
Sobre a dextra lhe-cabia.

Soitava a aguia então um grito
Que no espaço se perdeu,
Como annuncio ao infinito,
Voz prophetica do céu.

E o Pensador empunhando
A penna, a melhor ancila,
Pensou e onvia pensando
Dizer-lhe intima Sybilla:

— Emfim o teu céu desvele,
Ergue o vôo, expelle o pó;
Irás mais longe do que ella,
Aguia de uma penna só.—

J. DE MORAES SILVA.

THEATROS

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

OTHELLO

Foi na terça-feira que se estreiou a ultima companhia que nos trouxe o incomparavel Giacchi.

A' frente d'esta excellent troupe achase o eminente actor Giovanni Emanuel, que é hoje uma celebridade italiana e que d'aqui a pouco ha de ser uma celebridade universal, como Salvini e Rossi.

A peça de estreia foi o monumental *Othelo*, de Shakespeare.

Todo mundo conhece a espantosa tragedia do poeta inglez. Todos os artistas que têm attingido a culminancia da arte n têm representado. Mas, por isso mesmo que é uma peça genial, um estudo grandioso do coração humano, que não pertence a uma determinada época nem a uma determinada sociedade, mas aos seculos e ao mundo; por isso, ainda não foi quicá bem comprehendida aquella maravilha do engenho humano. Foi modernamente, com a definitiva conquista do naturalismo na Arte que se começou a comprehender melhor o tragico inglez e que se começou a determinar a feição artistica da sua obra colossal. As escolas de arte, pelo defeito inicial de reduzirem a regras academicas a interpretação e a execução das grandes creações artisticas, têm até hoje excluido a individualidade e desprezado a verdade como factor principal e determinante de toda obra artistica.

No theatro a exclusão da verdade é absoluta e completa, e ainda hoje ha quem affirme que, sendo o theatro um a

forma artistica toda convencional, é justo que a convenção domine tudo que aea theatrical. E' bem possivel que Shakespeare tambem assim pensasse; mas o que é certo, e boje quasi indiscutivel, é que o seu genio venceu o poder invecivell das tradições, talvez inconscientemente, e produziu a obra mais extraordinariamente verdadeira e mais profundamente humana do theatro antigo e moderno. Se a acção dos dramas estupendos de Shakespeare se reveste por vezes de uma phantasia apparente, no fundo d'essa mesma acção brilha intensamente a verdade dos sentimentos e das paixões, levada ao gráo maximo a que pôde attingir a Arte. As paixões que se discutem e se agitam na obra do immenso poeta são as paixões mais vulgares: o amor, o ciume, a duvida, o egoismo etc., etc. O poeta, que tinha, acima de tudo, a preocupação da emoção artistica, tomou os extremos: d'ahi o toque de loucura que ba' nos seus personagens; d'ahi a profunda verdade humana — porque toda a paixão levada no extremo é loucura.

A enorme e intrincada complexidade dos caracteres de Shakespeare, na sua generalisação e universalidade, é sempre acompanhada e seguida na acção, por um desenvolvimento methodico e racional, que leva á comprehensão inteira e nitida do typo creado. O grande tragico descobre principalmente nos monologos a alma dos seus personagens; quando na acção muitas vezes não comprehendemos o monstro, logo que o monstro se isola intervem a Consciencia e mostra-nos, inteiramente illuminado de frente,—o Homem.

No *Othelo* não foi certamente o moiro impetuoso e sincero, tigre com alma de pomba, coração simples e confiante, que deu mais trabalho e mais cuidados mereceu ao poeta. Othelo é secundario, é o paciente na acção do drama; o personagem principal, o agente, o que determina a urdidura o prepara a catastrophe — é Iago. Iago é uma criação estupenda; é a completa e perfeita personalisação da perfidia. Shakespeare no *Othelo* joga com esta antithese: um coração franco, leal, coofiente, e um coração odiento, pérfido, venenoso, hypocrita. No coração de Othelo ha polvora; no de Iago ha fogo. Estes dois corações tocam-se, e a explosão é espantosa e formidavel! O odio de Iago communica á alma de Othelo o rastilho da calumnia e ateia-lhe o incendio do ciume. Está aqui o drama.

A interpretação d'sstes dois typoa geniaes exige um talento excepcional e o completo conhecimento da arte. O actor tem forçosamente de ser um critico e um analysta quando se ahalança a interpretar Shakespeare. E' preciso descobrir os milhares de facetas d'aquelles diamantes e saber expô-los a toda a luz da arte.

O trabalho de Emanuel é mais do que um trabalho estupendo; é um trabalho novo, original e audaz. Vé-se bem que o principal designio do grande artista foi *humanisar* aquelle Othelo que os precedentes interpretes haviam tornado uma fera. D'aquelle tigre tradicional o immenso talento de Emanuel extrahiu um homem. A nosso ver foi o primeiro artista italiano que comprehendeu o naturalismo de Shakespeare. Parts d'aqui o seu admiravel trabalho; todo ella é methodicamente

deduzido d'este principio. Vislumhrando o enorme fundo da verdade que ha naquell personagom, Emanuel preoccupou-se com ser verdadeiro, e conseguiu-o. Comprehendendo que a verdade é a base de toda a arte, rompeu com todas as tradições, despresou todos as acadamas, quebrou todas as regras, despedaçou todas as convenções, derrocou todos os idolos consagrados—foi verdadeiro.

A interpretação é natural, logica, perfeita; n execução é inexcedivel o grandiosa. O Othelo rugidor e sululante acachou. Emanuel é o Othelo humano, simples e rudo, apaixonado e impetuoso, amante e soldado. Vestindo-o sensatamente á veneziana, Emanuel não se esqueceu das fatalidades da raça, e no general baptisado e civilisado apparece sempre, nas minimas circumstancias da acção, o caracter do moiro ardente, a vobomencia desordenada do typo mussulmano. Ests maravilhosos trabalho de perspectiva no fundo do desenho de Othelo é tractado por Emanuel com traço firmissimo, com uma delicadissima sciencia do colorido e dos meios toa. Não é um desenho geometrico, de largos traços grandiosos e de effeitos deslumhrantes de luz. E' um trabalho de minucias e de primorosos esbatimentos. O colorido da paixão sohe gradativamente toda a gamma das cores até no vermelho candente da explosão.

No primeiro acto n narração de Othelo é dicta com uma simplicidade inesperada. Nada de ademanes tragicos, nada de exaggeros nem de convenções; conta o seu caso como o deveria contar um homem rude, com a consciencia tranquill de não haver feito mal; narra singelamente, com immensa naturalidade, e o trabalho dos detalhes começa des de a entrada de Desdemona. Ahi temos então o homem e o soldado. Unctuos e meigo com a esposa; altivo e grave com o senado.

No segundo acto temos a bella scena da admoestação a Cassio. Aparece em Othelo o *chefe*, e Emanuel diz magestosamente toda a primeira fala, com uma perfeita serenidade de corpo, e aó deixando transparecer na voz imperiosissima a colera que o domina. Em seguida rompe ainda o artista com as tradições classicas, e fala á tropa de costas para o publico, impoentemente.

No terceiro acto começa o obra de Iago. A scena da calumnia é assombrosa. As palavras do alferes vão-lhe cahindo na alma como gottas d'agua numa placa ardente; a auspeita é ouvida quasi com indifferença, mas depressa se apossa da alma do moiro até dominal-a completamente. Toda a narração de Iago ouve-a Emanuel sentado á meza sm que ia estudar o seu plano de campanha. Ha aqui um trabalho colossal e novo. O artista despresn todos os effeitos, e o moiro, naturalmente cabello, contorce-se na agonia da dor moral e não cuida na elegancia das attitudes. Não tira da tremenda situação o partido que poderia tirar: sacrificia o effeito á verdade, justamente o contrario do que fazem em geral os tragicos. Na ultima scena d'este acto, com Iago, Emanuel é extraordinario. Iago começa a iusistir na calumnia, Othelo agarra-o pela gola, com uma só mão, e levanta-se formando e terrivel; va-o empurrando para o primeiro plano da direita até o prostrar resupinto. A colera do moiro é pavorosa! Depois da queda de Iago,

o esforço que Othello faz sobre si mesmo para o não estranhar, é melancólico. Emmanuel exprime-o num gesto eloquentíssimo, agachado, mordendo os lábios, com os punhos cerrados, numa attitude horriavelmente amoadora!

No quarto acto, a alma atribuladíssima de Othello explode na ironia e no desleem. A scena da accusação de Desdemona é admiravel. E no fim do acto a scena com Desdemona e Emilia e a subsequente sahida, são magnificas.

No quinto acto o artista é estupefaciente! Desde o monologo da entrada, dicto com a voz estrangulada, até a scena do assassinio, é um nssombro! No fim ha um transição notavel, quando Othello, soluçante, acaba de peilir a Ludovico que narre fielmente o seu character, e passa a narrar elle mesmo o que fizera uma vez a um moiro prepotente, um perro circumciso, a quem degolara com o seu alforge, como termina por fazer n si proprio. A transição é soberba; do tom supplice, dolorido e humilde, passa bruscamente ao tom arrogante e altanado, até ao acto da degolação. A morte é horrorosa de verdade! No estertor final o corpo treme-lhe medonhamente e a voz some-se-lhe entre o gorgolejar do sangue na garganta. E' sublime!

Emanuel é inteiramente senhor da voz e do gesto. Correctissimo na gesticulação, encontra na voz todas as modulações, toda uma escala de sons. Um artista completo e brilhante.

A marcha da irrefreavel paixão que escalda e despedaça a alma do moiro, é observada profundamente, com uma larguissima intuição artistica. O Othello de Emanuel foi a primeira criação genial que vimos do naturalismo na arto de representar.

Bravos ao grande artista italiano!

Ao papel de Iago deu o Sr. Valenti a nosso ver uma interpretação erronea. Mas o trabalho do actor pôde dividir-se sempre em duas partes distinctas: interpretação e execução. Ao Iago do Sr. Valenti falta a feição sympathica e atrahente que supponos naquelle personagem. Para que todos o estimem, o venerem e lhe pegam conselhos é indispensavel que elle tenha a qualidade apparente da sympathia. O Iago do Sr. Valenti é antipathico. Aceita, porém, aquella interpretação, a execução é magnífica, igual, primorosa.

A Sra. Virginia Reiter faz com talento e encantadora ingenuidade a parte de Desdemona. Teve scenas muito felizes, principalmente as do quarto acto, primeiro com Emilia e Iago, depois com Othello.

A Sra. Aleotti fez muito bem a parte de Emilia e fez com bastante vehemencia a scena do quinto acto.

Dos outros artistas, todos em papeis sem importancia, pôde-se dizer, como sempre, que concorreram para o exito da peça.

Ha tambem na companhia um bom actor de comedia, o Sr. Roncoroni, que representa com muita naturalidade e graça.

Na segunda representação do *Othello* houve uma intoleravel sdrina na orchestra, durante a oração de Desdemona, no quinto acto. Aquillo é que foi o diabo! Uma tristeza...

Ingratos seriamos se terminassemos esta noticia sem dar um abraço, um

estrito e cordialissimo abraço no cavalheiro Cesare Ciacchi, o distincto e gentilissimo empresario, que, como pae Paulino, para estas cousas de arte — tem olho.

Devemos-lhe o Rossi, a Sarah Bernhardt, a Duse, o Andò, a Preciosi, o Duran, e agora, depois de uma infinidade de artistas celebres, o assombroso, o grande, o extraordinario Emanuel; e vamos dever-lhe o Coquelin e a Patti; Ciacchi não é para ahí um empresario qualquer.

Além de talento e actividade pasmosa, tem educação — para dar e vender.

Não é apenas um cavalheiro: é um cavalheiro em toda a extensão da palavra.

Parabens e agradecimentos ao Ciacchi.

Hontem representou-se *Nero*. Emanuel foi soberbo e sublime.

O 5º acto — um assombro! A morte um prodigio de medonha verdade! Diremos largamente no proximo numero.

S. PEDRO DE ALCANTARA

A companhia dramatica portugueza deu-nos segunda-feira uma nova edição da *Fédora*, de V. Sardou, na qual o actor João Rosa é agora substituido, no papel de Loris Ipanoff, pelo actor E. Brazão, que o desempenhava em Lisboa; Brazão foi um Loris magnifico.

Na terça-feira representou-se *Clara Soleil*, de Gondinet, comedia tambem já representada no anno passado, e que, pela série ininterrompida de engraçadissimas situações de que é composta, provoca sempre francos applausos.

Das peças falámos largamente quando representadas na primeira época da companhia. O desempenho é tambem conhecido e de harmonia com os meritos da companhia.

No ultimo d'estes espectaculos representou-se tambem a comedia *Posso falar á Sra. Queiroz?* e o monologo *Os camarões*, em que o actor Ferreira da Silva revela pronunciada vocação para o genero.

HAMLET

A companhia portugueza deu-nos, na quinta-feira, a primeira do *Hamlet*, de Shakespeare. Brazão apresentou um bello trabalho que apreciaremos devidamente no proximo numero. O accumulo de materia não nos permite fazer o que desejaramos.

LUCINDA

Como annunciáramos, a companhia hespanhola de zarzuela poz em scena, no ultimo sabhado, pela segunda vez, a zarzuela de grande espectáculo — *Os Diamantes da Corôa*, e no domingo a apparatusa peça *Os Madgyares*.

Ambas as composições tiveram o feliz desempenho a que nos habituou a modesta mas correcta *troupe* dos Srs. Valle e Garrido.

Na segunda-feira tivemos o *Robinson*; na terça *A Marselheza*; na quarta *O Postilhão da Rioja*; na quinta *A Guerra Santa* e, finalmente, hontem *O Lenço de*

Ramagem e *O Bazar Noivas*. Para hoje anuncia-se a repetição dos *Madgyares* e para auanhã dois espectaculos extraordinarios em despedida da companhia.

Como se vê, a empreza e os artistas são infatigaveis em procurar ntrahir o publico ao Lucinda, e o publico, a seu turno, tem sabido recompensar esses esforços afluindo ao theatro o não regeando applausos á sympathica companhia hespanhola.

A companhia parte para S. Paulo na proxima terça-feira.

RECREIO DRAMATICO

Este thentro tem dado bellos espectaculos com o *Kéau*, a *Martyr* e *O conde de Monte Christo*.

Hontem representou-se ali pela 1ª vez, n'esta época, *A Douda de Mont-Mayour*.

PRINCIPE IMPERIAL

Dá-nos hoje e amanhã o *Galo de Ouro*, e na proxima terça-feira mimoseará os seus *habitués* com a nova produção do nosso collega Arthur Azevedo — *O barão de Pituassú*, comedia-opereta.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

CONCERTOS POPULARES

Foi magnifico o que se realizou domingo passado. A' excepção da *Introdução* do *Guarany*, que não teve boa execução, todas as peças do programma foram muito applaudidos.

Amanhã realiza-se o quarto concerto, de programma muito atrahente pelas peças que, em primeira audição, nelle figuram.

LORGNON.

SPORT

A abundancia de originaes obrigounos a não dar hoje o artigo que sobre as corridas ultimas, realisadas no Derby-Club, escreveu o nosso estimavel collaborador L. M. Bastos. Damos simplesmente, e em resumo, o movimento dos pareos d'aquella corrida:

1º pareo (1000 metros) correram Visiere, Lady, Pfevenche, Cinira e Rapid. Chegou em 1º lugar Visiere (em 65 segundos). Rateio 15\$200.

2º pareo (1450 metros) — Correram Espadilha, Cupidon, Berenice e Gazella. Venceu Espadilha (em 97 segundos). Rateio 14\$000.

3º pareo (1609 metros) — Correram Tenor, ex-Flotsam, Druid, Intima e Condor. Ganhou Tenor (em 108 segundos). Rateio 16\$900.

4º pareo (1609 metros) — Correram Phenicia, Pancy e Babylonia. Venceu Phenicia (em 110 segundos). Rateio 10\$200.

5º pareo (2400 metros) — Correram Phrynéa, Salvatus e Gladiador. Ven-

ceu Phrynén (em 157 segundos). Rateio 12\$600.

6º pareo (2400 metros) — Correram Sibylla, Boreas e Bonita. Ganhou Sibylla (em 168 segundos). Rateio 23\$700.

Movimento geral da poule: readeu 154:330\$000.

Amanhã realiza o Prado Villa-Izabel uma excellente corrida. O programma é bem organizado.

Eis os nossos palpites: 1º pareo — Cantagalho; 2º Berenice; 3º Phenicia; 4º Biscaia; 5º Scylla; 6º Visiere o 7º Mandarin ou Chapecó.

COLLABORAÇÃO

FLOR
(ALAHYDE)

Falo a ti, doce virgem dos meus sonhos!

CASIMIRO DE ABREU.

Eu já gostei, das peregrinas rosas, espalhando os aromas delicados, das corollas dos lyrios nos vallados, erguendo as brancas folhas melintrosas.

E gostei das magnolias portentosas, asylando nos cálices nevados as lagrymas dos roctos gattejaços nas madrugadas frescas e brumosas,

Mas depois que teu lucido semblante vi nos meus sonhos despontar ovante, cheio de mimo e graça e de frescor,

nunca mais, nunca mais minha alma preza pode nas flores encontrar belleza, pois tu és para mim a unica flor!

1887.

MAX. FLEIUSS.

FACTOS E NOTICIAS

RAYMUNDO CORRÊA

Para festejar o apparecimento do bellissimo, do extraordinario livro dos *Versos e Versões*, foi offerecido a Raymundo Corrêa, no domingo, 3 do corrente, no hotel do *Globo*, um delicado e profuso almoço. Dos que lh'o offereceram estavam presentes Olavo Bilac, Rodrigo Octavio, Cyro de Azevedo, Arthur Azevedo, Alcibiades Furtado, Alfredo de Souza, Gaspar da Silva, Paula Ney, Alberto Brandão, Francisco Sodré e Valentim Magalhães.

Luiz Delfino e Machado de Assis adheriram áquella manifestação, mas, infelizmente, não puderam comparecer. Ao servir-se o *champagne*, Valentim Magalhães recitou os seguintes versos:

A RAYMUNDO CORRÊA

Como um levita doce e grave,
Elle ama com profundo amor
O sol, o mar, a estrella e a ave,
O fructo e a flor.

Elle ama e serve, ó Natureza,
A tua força alma e infinita,
Tudo em que vê graça e belleza
E a luz palpita.

Tem, como um preto religioso,
Da Forma o culto arduo, immortal,
E sacrificia, fervorosos,
Ao Ideal.

No plectro seu, de ebano e ouro,
Canta e a, cantar, passa o Universo,
E tem de gemmas um thesouro
Em cada verso.

A voz das arvores, do vento,
A voz do céo, da terra e do ar,
E a grande voz do Pensamento,
Como a do mar,

E as musicas dos passarinhos
— Alegres, tímidos viventes —
Que enchem de amor seus floresinhos,
Sóam frementes,

Em notas limpidas, perfeitas,
Imprevistas e musicas.
— Gaiunas brilhantes e desfeitas —
Em sons ideaes —

Nas cinco cordas da sua lyra,
Harmoniosa, virgilliana,
— Em que soluça, ri, suspira —
Toda a alma humana. —

Saudemos, pois, este perfeito
Mestre do Idyllo e da Canção.
Que a inveja vil e o vil despeito
Mordam-se em vão !

Saudemos este que esculpido
Tem sonhos, dóres e alegrias ;
E é príncipe no «Reino Unido
Das Harmonias.»

Alfredo do Sousa improvisou esta
estrophe :

Por estranhos, bizarros monumentos,
Por gothicos palacios rendilhados
Vão sempre os meus humildes pensamentos
Quando leio os teus versos adorados.

Arthur Azevedo leu este soneto :

Tu já não morres, inlycto Raymundo,
Que hoje c'os versos teus a Patria espantas ;
Não morre quem cantar como tu cantas,
Inspirado, correcto, alto e fecundo.

Ha de um dia seccar-se o mar profundo,
Hão de um dia murchar todas as plantas,
E, no horario de Deus, lá para as tantas,
Desmantelar-se a machina do mundo ;

Mas o genio ás catastrophes resiste ;
Mata a morte, conquista a eternidade,
E onde tudo se fô só elle existe...

Se ha nos homens uns restos de equidade,
Os tres volumes que tu produziste
Abrem-te as portas da Posteridade.

Alcibiades Furtado tamhem leu uns
versos, mas não houve meio de lh'os
furtar, (como disse, com espirito, Ar-
thur Azevedo, no seu *De Palanque* a res-
peito da festa.)

Valentim Magalhães recitou, em
nome da Luizinha, a adoravel filha de
Gaspar da Silva, os formosissimos ter-
cetos que se encontram no livro sob o
título *Luizinha*.

No correr do almoço foram recebi-
dos estes telegrammas :

« Saudamos os dos maiores poetas
do seculo XIX » (Do Dr. Lucindo dos
Passos Filho e do Sr. Barros Sayão ;
Vassouras.)

« Parabens e felicitações ao nosso
Raymundo. » (De Alfredo Pujol ; Men-
des.)

« Ao adoravel poeta das *Symphonias*
e *Versos e Versões* muito saudar. » (De
Lucio de Mendonça ; Valença.)

« Viva o Raymundo ! » (De Theophilo
Dias ; S. Paulo.)

Foram recitadas varias composições
das *Symphonias* e dos *Versos e Versões*,
entre as quaes o celebre soneto *As pom-
bas* por Alfredo de Sousa, que lhe deu
grande relevo e expressão.

Foi nma festa memoravel a todos os
respeitos, especialmente por ter sido
realizada aqui, onde só se offerecem
banquetes e outras provas de apreço a
commendadores e politicos.

Parahens ao grande poeta.

Do Alfredo Pujol recebemos, para
acompanhar esta noticia, as seguintes
linhas :

« Meu caro Valentim. — Mendes. 3-7
— 87. De volta de uma pequena via-
gem, aqui encontrei duas cartas, uma
sua, outra do Rodrigo Octavio, contendo
ambas amabilissimos convites para
o almoço offerecido ao grande poeta
dos *Versos e Versões*.

A' hora em que li taes cartas só devia
restar, da esplendida festa em honra
do nosso poeta, a grata recordação das
deliciosas estrophes recitadas no salão
do *Globo*, dos mirabolantes discursos e
das não menos deliciosas *cótelletes* d'a-
gneau á *Semana*, regadas com o com-
petente *Haute Sauterne*...

Mandeí ao diaho a tal viagem e con-
tentei-me com reler esse admiravel
volume dos *Versos e Versões*, onde ha
trahalhos que serão talvez conside-
rados mais tarde, como judiciosamente
notou o Arthur Azevedo, verdadeiros
monumentos da poesia brazileira.

E' realmente digno de inveja este
extraordinario talento de Raymundo
Corrêa !

Que valem accusações de plagiario,
— ainda as mais graves — contra o por-
tentooso poeta que hurilhou aquelles
Versos a um artista ?

Que vale a critica, — ainda a mais se-
vera — ao pé do auctor do *Filho de Cleo-
patra*, d'aquelles deliciosos tercetos a
Luizinha, e de tantos e tão bellos e im-
peccaveis sonetos que opulentam este
livro estupendo ?

Bem hajam todos aquelles que sou-
beram render a homenagem devida ao
notabilissimo poeta.

A elles me venho juntar, jubilosos,
por ver minha patria possuidora de
um livro que a ennohrece, e cheio de
orgulho, por ter a ventura de contar o
auctor d'esse livro no numero de meus
amigos.

Adeus, meu bom Valentim. Sempre
amigo e admirador, *Alfredo Pujol*.

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Esta sociedade realisou em 30 do pas-
sado uma sessão solemne, commemora-
tiva ao 25º anniversario da sua instal-
lação.

Estiveram presentes SS. EEx. o mi-
nistro e o consul de Portugal, muitos
convidados e grande numero de socios.

Fez o discurso official o illustrado
Sr. Dr. Antonio Zeferino Candido, fa-
lando em seguida diversos outros cava-
lheiros, deppis do que foi offerecido
pela directoria um profuso copo d'agua,
durante o qual foram trocados os mais
delicados e entusiasticos brindes.

Parahens á digna associação, por
tanto ter progredido.

Para nova e elegante casa, á rua do
Ouvidor, transfere-se hoje o *Hotel de
Londres*. Agradecemos o convite feito
aos redactores d'esta folha pelo pro-
prietario do *Hotel de Londres* para
comparecerem ao lauto jantar inau-
gural do novo edificio, e por elle dedi-
cado á imprensa.

Pelo director d'esta folha foi offere-
cido, no dia 4 do corrente, um jantar
modesto mas cordialissimo, ao Sr. Gas-
par da Silva, redactor do *Diario Mer-
cantil*, de S. Paulo.

Estiveram presentes, além de outros,

Raymundo Corrêa, Filinto d'Almeida e
Olavo Bilac.

Outro fim não teve essa intima re-
união senão manifestar ao nosso pro-
prietario collega, o alto apreço e distincta
estima em que é tido pelos redactores
da *Semana*.

Gaspar da Silva voltou hontem para
S. Paulo, tendo sido precedido de dois
dias por Olavo Bilac.

Tivemos o prazer da visita do Dr.
Lucindo dos Passos, filho, que voltou
ante-hontem para Vassouras.

O Sr. Estevão Roberto da Silva abriu
a primeira exposição de seus quadros
na sala *Dr. Ferreira de Araújo*, do Ly-
ceu de Artes e Officios.

Visital-a-emos.

FALLECIMENTO

Falleceu na quinta-feira ultima a
Exma. Sra. D. Emilia de Senna, virtu-
tossissima esposa do nosso collega do
Jornal do Commercio Ernesto Senna.

Ao nosso collega e a sua Exma. fami-
lia damos as mais sinceras condolen-
cias.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga-
lhães é encontrado no seu escriptorio
todos os dias, das 10 horas da manhã ás
3 da tarde — Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advo-
gado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das
Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva
Brandão Junior continúa a receber
cohranças por percentagem razoavel.
Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas
e aparelhos para lavoura — Schu-
bert Irmãos, Haas & C. — Juiz de Fora.

« O Municipio » — Redacção: DR.
FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO
— Gerencia : WENCESLAU ROSA — CASA
BRANCA.

Alvoros matinaes, poesias de
Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma
introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso
Celso Junior. A sair do prelo. Preço do
volume : 2\$000.

Dr. André Rangel. — C. Rua
da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme
Velho n. 4 B.

Advogado — Capitão Timotheo Ri-
beiro de Freitas — Largo do Rosario —
Barbacena.

A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cêra, Matte, Rapé e Sementes

PIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguayana 81

RIO DE JANEIRO

LIVROS

Grande liquidación na antiga livraria
de Faro & Nunes.

Preços nunca vistos.

72 Rua do Ouvidor 72

LYRICA

DE
FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegan-
tamente impresso a duas cores. 300 pa-
ginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e
Laemmert, eho escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE
RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitida-
mente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha
e nas livrarias Garnier e Laemmert.



Grande novidade ha hoje, Exmas. ! A
passeio? E' verdade! Sahimos unica-
mente por não podermos resistir ás
grandes pechinchas que hoje annuncia
a *California*, na rua do Se-
nador Dantas n. 4. Onde fica essa
rua? E' a rua nova, que principia no
largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades
em capas, côrtes de vestidos bordados e
artigos de malha de lá para crianças e
para senhoras.

Algodão muito forte, peça.....	1\$000
Morim para ferro, peça.....	\$600
Dito superior, peça 4\$200 e.....	\$300
Dito mais superior, peça.....	2\$200
Velludos de côr, adamascados.....	2\$000
Bonitas lãs de todas as côres... ..	\$500
Chitas muito largas, 360 e.....	\$240
Batistes e percales, 300 e.....	\$200
Carretéis com 200 jardas da me- lhor linha para machina.....	\$050
Cobretores de lã, encarnados. . .	2\$400
Meias compridas em ponto de cordão, de côr, para crianças.	\$400
Peças com 5 metros de renda de seda.....	\$200
Renda de seda preta, larga.....	\$400
Rendas de todas as côres, 400 e.....	\$300
Colchas com franja, 2\$500 e.....	1\$800
Pentes para caspa, 200 ; alisar.....	\$300
Tapetes finos para quarto.....	2\$000
Paletots e water-proofs de ver- dadeira casimira (não é feltro) 1\$5 e.....	10\$000
Renda de lã com fio dourado... ..	\$500
Botões muito grandes, cada... ..	\$100
Botões para vestido, duzia.....	\$120
Oxford largo, a 240 riscados a... ..	\$240
Lençoes fortes, 1\$900, 1\$200 e.....	\$800

AOS BARATEIROS !

4 Rua do Senador Dantas 4

O GAIATO DE SALÃO

O *Gaiato de Salão*, collecção de dispa-
rates amatorios engraçadissimos em
perguntas e respostas para passa
tempo das noites de fogueiras. Vende-se
na rua de Gonçalves Dias 33 e Ouvi-
dor 66.

PREÇO 500 !

PRADO VILLA-IZABEL

PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 10 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1450 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro 90\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Zaire.....	Gsteado...	5 ans	Paraná....	56 kil.	Azul e branco.....	Coud. Amadores.
2	Tufão.....	Castanho..	4 »	R. de Jane..	51 »	Verde e ouro.....	C. V. S. Coutinho.
3	Blanche ex-Barbara	Tordilho..	5 »	Rio Grande	52 »	Azul e grénat.....	Coud. Estrella.
4	Verbena.....	Castanho..	5 »	R. de Jane..	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
5	Guacho.....	Chita.....	4 »	Rio Grande	51 »	Azul e grénat.....	A. M.
6	Ondina.....	Tordilho..	4 »	S. Psulo...	49 »	Azul e amarello...	J. Rocha.
7	Rigoletto.....	Zaino.....	5 »	Paraná....	54 »	Azul e branco.....	S. V.
8	Martha.....	Castanho..	3 »	R. de Jane..	46 »	Geranium e verde..	J. Bragança.
9	Contagallo.....	Zaino.....	6 »	Paraná....	52 »	Preto e vermelho...	Fontes & C.

2º pareo—**Ensaio**—1450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Juanita.....	Baio.....	3 ans	R. de Jane..	46 kil.	Grénat e lyrio.....	D. A.
2	Florida.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo...	46 »	Azul e amarello...	Coud. Luzitana.
3	Absyntho.....	Castanho..	3 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Erse.....	Pampa...	3 »	Idem.....	48 »	Verde, branco e encarnado...	Coud. Excelsior.
5	Berenice.....	Alazão...	3 »	R. de Jane..	46 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	Piston.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo...	48 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro
7	Ohô.....	Vermelho..	3 »	Idem.....	48 »	Vermelho e bonet preto.....	Idem, idem.
8	Caíta.....	Castanho..	3 »	R. de Jane..	46 »	Grénat e ouro.....	I. S.
9	Corcovado.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.

3º pareo—**Suburbano**—1600 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 700\$ ao primeiro 175\$ ao segundo 100\$ ao terceiro

1	Africana.....	Zaino.....	3 ans	R. da Prata	47 kil.	Verde e ouro.....	D. Olga L. da Costa.
2	Le-Loup.....	Preto.....	4 »	França....	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
3	Diomedes.....	Castanho..	4 »	Idem.....	54 »	Azul e preto.....	Coud. Bocaina.
4	Páncy.....	Zaino.....	3 »	R. da Prata	47 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
5	Musico.....	Preto.....	5 »	França....	57 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
6	Mastin.....	Castanho..	4 »	Idem.....	54 »	Grénat e violeta.....	A. M. P.
7	Phénicia.....	Alazão...	3 »	Inglaterra.	49 »	Encarnado e mangas azul claro	Coud. Brasileira.
8	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	R. da Prata	52 »	Grénat e ouro.....	I. S.

4º pareo—**Progridior**—1000 metros—Animas nacionaes até meio sangne—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Morena.....	Castanho..	4 ans	Paraná....	52 kil.	Verde e ouro.....	J. L. C.
2	Mondego.....	Idem.....	5 »	S. Paulo...	56 »	Azul e amarello...	Coud. Lusitana
3	Biscaia.....	Alazão...	5 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Douro.....	Alazão...	6 »	R. de Jane..	57 »	Encarnado e preto.....	Coud. Independencia
5	Villa-Nova.....	Zaino.....	5 »	Paraná....	54 »	Azul branco e amarello...	Coudelaria Esperança
6	Aldace.....	Castanho..	5 »	S. Paulo...	54 »	Azul marinho e ouro.....	J. Vaz.
7	Maestro.....	Tordilho..	4 »	S. Paulo...	53 »	Vermelho e bonet preto.....	TattersallCampineiro.
8	Fagote,ex-Marengo	Vermelho..	6 »	Idem.....	57 »	Vermelho.....	Idem, idem.
9	Druid.....	Tordilho..	5 »	R. de Jane..	59 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

5º pareo—**Omnibus**—1800 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Daybreack.....	Castanho..	3 ans	Inglaterra..	51 kil.	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira
2	Scylla.....	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Grénat e violeta.....	Cond. Rio de Janeiro.
3	Perle.....	Zaino.....	3 »	França....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
4	Dr. Jenner.....	Idem.....	4 »	R. da Prata	52 »	Grénat e ouro.....	J. S.

6º pareo—**Omnium**—1800 metros—Animas estrangeiros de 2 annos que ainda não tenham ganho—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Cinira.....	Alazão...	2 ans	Inglaterra..	46 kil.	Encarnado, preto e branco.....	J. A. Silveira.
2	Onvidor.....	Castanho..	2 »	Idem.....	48 »	Azul branco e amarello...	Coud. Esperança.
3	Indio.....	Idem.....	2 »	R. da Prata	48 »	Azul e grénat.....	J. L. C.
4	Fire-Geon.....	Idem.....	2 »	Inglaterra..	46 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
5	Visière.....	Alazão...	2 »	França....	46 »	Azul e palha.....	J. P. de Castro.
6	Apollo.....	Idem.....	2 »	R. ds Prata	48 »	Azul e grénat.....	J. R. M.

7º pareo—**Villa-Izabel**—1600 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Morena.....	Castanho..	4 ans	Paraná....	49 kil.	Verde e ouro.....	J. L. C.
2	Americana.....	Tordilho..	5 »	R. de Jane..	49 »	Azul e amarello...	Coud. Lusitana.
3	Mandarim.....	Rosilho...	5 »	S. Paulo...	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraiso.
4	Bonita.....	Alazão...	6 »	Idem.....	52 »	Branco e fsixa vermelha.....	G. M.
5	Bismarck.....	Gateado...	5 »	Idem.....	54 »	Branco e azul.....	J. C. Lemos.
6	Viola,ex-Gamacusa.	Alazão...	5 »	Idem.....	54 »	Vermelho e bonet preto.....	Tattersall Campineiro.
7	Rabecão,ex-Orphéo	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Idem Idem
8	Cyclone.....	Castanho..	4 »	R. de Jane..	51 »	Ouro, mangas e bonet azul...	Coud. Alliança.
9	Saltarello.....	Preto.....	5 »	Paraná....	56 »	Geranium e ouro.....	J. W.
10	Jenny,ex-Baheca.	Vermelho..	5 »	S. Paulo...	51 »	Geranium e ouro.....	J. W.
11	Boyardo.....	Alazão...	5 »	Idem.....	56 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.
12	hqapécó.....	Castanho..	4 »	Paraná....	51 »	Branco, estrellas azues e faixa	Idem Idem.

OBSERVAÇÕES

Os animas inscriptos no primeiro pareo devem estar no ensilbamento ás 11 horas em ponto.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario

O pessoal dos portões pôde comparecer na secretaria no dia 9, das 4 ás 7 horas da tarde.

PAIVA JUNIOR, 1º secretario

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydroposphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIAGIDO POR

E. GAMBÃO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado